



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## **Outro olhar histórico: Tese número 7 e a uma poesia de Brecht**

Juliana de Souza<sup>1</sup>

### **Resumen:**

A crítica ao progresso tem origem romântica, no entanto, com a leitura de Walter Benjamin ela ganha um significado messiânico revolucionário. A sua teoria (crítica), acerca progresso da própria humanidade, segue em direção as descobertas técnicas, ao desenvolvimento das forças produtivas e à dominação da natureza. Já que a utilização bélica das novas técnicas (aperfeiçoamento técnico dos meios de guerra) e máquinas só intensificam a exploração do próprio indivíduo. E seria sob esta perspectiva que a revolução poderia ser louvável, porque é somente pela revolução que se atingiria a interrupção messiânica do curso da história. As experiências passadas e as experiências presentes serviriam como uma revisão do passado pelo presente para, posteriormente, salvar o que foi esquecido. Para tanto, cabe-nos aqui uma análise a partir das “Teses” (sobretudo a Tese nº 7), e do poema “Perguntas ao operário que lê”, de Brecht.

---

<sup>1</sup> Universidade do Sagrado Coração, [engenhodeideias@yahoo.com.br](mailto:engenhodeideias@yahoo.com.br)



## Outro olhar histórico: Tese número 7 e a uma poesia de Brecht

A proposta de um novo olhar histórico apresenta-se não somente nas “Teses sobre o conceito de história” (1940), como também em *Alguns temas em Baudelaire* (1936-1939), no ensaio “O narrador” (1936), na introdução da *Origem do drama barroco Alemão* e no livro das *Passagens* (Teoria do Conhecimento). Contudo é importante ressaltar que o pensamento constelado benjaminiano traz consigo, segundo a análise de Michel Löwy – criticada por Jeanne Marie Gagnebin em, *História e Narração em Walter Benjamin* (2004) – elementos do romantismo alemão, do messianismo judaico e do marxismo, para então, formular uma interpretação original da História. Nessa interpretação, está incutida a crítica ao progresso, ao positivismo que demarca os conceitos de história. Tal iluminação perpassa os escritos de Benjamin desde 1914 até 1940, ano de sua morte.

Para Löwy, a crítica ao progresso tem origem romântica, contudo, com a leitura de Benjamin, ganha significado messiânico revolucionário. O conceito de progresso tem uma função crítica na sua origem, mas no século XIX, com a ascensão do poder da burguesia essa função vai desaparecendo gradativamente. A historiografia do século XIX torna-se, então, cúmplice da barbárie de toda a cultura. E, desta forma, se tem a necessidade de submeter o conceito de progresso a uma crítica imanente pelo materialismo histórico.

A articulação com o materialismo histórico acontece por volta de 1924, para contestar as doutrinas do progresso ilimitado e contínuo da social-democracia e do comunismo stalinista. A crítica veemente de Benjamin contra o progresso da própria humanidade segue em direção às descobertas técnicas, ao desenvolvimento das forças produtivas e à dominação da natureza. A utilização bélica das novas técnicas (aperfeiçoamento técnico dos meios de guerra) e máquinas só intensifica a exploração do próprio indivíduo. É sob essa perspectiva que a revolução é louvável, pois somente pela revolução que se atingiria a interrupção messiânica do curso da história.

Nas “Teses” – ensaio em que a crítica é mais radical e profunda a respeito das ideologias do progresso – Benjamin aborda o conceito de declínio da “experiência vivida” (*Erfahrung*) do mundo moderno. Tal declínio ocorre com o advento da manufatura e a produção de mercadorias. Ou seja, estamos dialogando sobre a



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

experiência no sentido de declínio da *Erfahrung* coletiva e da ruptura do encantamento libertador. Assim, por meio da técnica, há uma destruição da relação entre o homem e a natureza, que deve ser reconciliada. As experiências passadas e as experiências presentes devem ser entendidas como uma revisão do passado pelo presente. Feita esta “revisão”, pode-se salvar o que foi anteriormente esquecido. No contexto das “Teses”, considerado o mais “político” dos ensaios de Benjamin, quer se dialogar sobre a importância de rememoração e da revisão do passado pelo presente, em todas as classes sociais, sobretudo nas classes dos operários, daqueles que trabalham e vivem sob a égide do calendário, do relógio e dos prazos, ou seja, do homem contemporâneo.

O operário é o autômato impermeável à experiência, são os passantes na multidão, as massas amorfas, e o poema de Bertolt Brecht, *Perguntas de um operário que lê*, tem a intenção de conscientizar essas massas, tornando-as mais críticas. O poema em questão é exemplar para esta discussão, pois coloca em cheque a importância desse operário que esteve presente em todos os acontecimentos considerados importantes na História. O poema questiona:

quem construiu Tebas, a das sete portas?  
A Babilônia, tantas vezes destruída, quem outras tantas a reconstruiu?

Ou ainda,  
a grande Roma está cheia de arcos do triunfo. Quem os ergueu?

É neste mesmo sentido que segue a discussão benjaminiana sobre o progresso e a História, na perspectiva em que a razão deve ser enaltecida, mas uma razão no sentido de uma racionalidade emancipadora do indivíduo. Contudo, nos dias atuais, notamos que a figura do autômato, nos moldes de *O gabinete do Dr. Caligari* (Fritz Lang), ainda é modelo de comparação com as massas. O que vemos é o caráter mecânico, vazio e repetitivo da vida na sociedade industrial. Os indivíduos têm que se conscientizar do seu passado através da rememoração (*Eingedenken*), da redenção ao passado. A rememoração coletiva das sociedades sem classes, vivendo em estado de harmonia edênica com a natureza.

Uma outra análise comparativa que podemos tecer é entre Benjamin e Hegel, pois o conceito de história benjaminiano, assim como a história para Hegel, possui um *telos*, um fim. E este fim chegará quando o homem emancipado reconciliar-se com a



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

natureza e com a sua própria Razão, e viver no antiautoritarismo e antipatriarcalismo. Quando o indivíduo atingir a sua completude, que é um processo de uma espera messiânica de redenção que cada geração transmite à seguinte; por isso da importância de uma história narrada de geração para geração. No entanto, o progresso impedirá a realização dessa redenção.

Na “alegoria da tempestade”, presente nas Teses 5, 6, 7 e 9, o vento da história representa o vento do Absoluto que sopra do Paraíso, mas a tempestade que se aproxima é o progresso. O homem deve ir ao encontro do movimento histórico, ou seja, do Absoluto. Cabe afirmar que é sob o signo de um olhar surrealista, ou melhor, do exercício da *flâneire*, que devemos buscar o passado que se encontra prematuramente em ruínas, em conjunto com a idéia de progresso, para então chegarmos à natureza da rememoração.

Nas palavras do próprio Benjamin a “alegoria da tempestade” pode ser entendida por esses momentos de suas teses:

(Tese n. 5)

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. (...) Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela.<sup>2</sup>

(Tese n. 6)

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso.<sup>3</sup>

(Tese n. 7)

Impossível caracterizar melhor o método com o qual rompeu o materialismo histórico. Esse método é o da empatia. Sua origem é a inércia do coração, a *acedia*, que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz.<sup>4</sup>

(Tese n. 9)

Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Benjamin, “Teses sobre o conceito de história”, Tese n. 5, p. 224.

<sup>3</sup> Idem, *ibid.* Tese n. 6, p. 225.

<sup>4</sup> Idem, Tese n. 7, p. 225.

<sup>5</sup> Idem, Tese n. 9, p. 226.



Devemos lembrar para compreender, para entender as injustiças do presente. A poesia de Brecht se aplica na análise de ambas as “Teses” à medida que, somente a revolução proletária pode e deve operar a interrupção messiânica do curso da história. É por meio das forças de lembrança que os operários recuperarão a experiência perdida, que os orientará para o futuro messiânico/revolucionário:

O jovem Alexandre conquistou as Índias  
Sozinho?  
César venceu os gauleses.  
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?  
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha  
Chorou. E ninguém mais?  
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos  
Quem mais a ganhou?  
[...]  
Tantas histórias  
Quantas perguntas

Cabe agora falarmos sobre a figura do historiador, sobretudo a que aparece em 1936, no ensaio “O narrador”. Para Benjamin, o narrador possui traços do cronista – quer-se resgatar os antigos hábitos de contar, de narrar histórias, de colocar a imaginação e a lembrança em prática. O autor desconfia do historiador racional que explica “exatamente” como aconteceram os fatos do passado, por meio de causalidades, ao invés de apresentá-los como ilustrações significativas. É desta forma que o historiador das teses herda traços do cronista (Tese 3): “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”<sup>6</sup>.

Devemos ou não seguir Fustel de Coulanges, e esquecer tudo o que já sabemos da história? Devemos ter empatia por algum período? Benjamin apenas diz: “Com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia” (?). E prontamente responde: “com o vencedor”<sup>7</sup>. Por meio dessa argumentação que a ciência da história será suspeita de “empatia” à sistemática dos vencedores, pela qual, até hoje, a história foi apresentada da perspectiva dos “fortes”, dos líderes e vencedores. Esquece-se que para um líder ser forte muitos escravos e trabalhadores tiveram as suas vidas aniquiladas, e povos inteiros foram oprimidos. Segundo o autor, “os que num momento

<sup>6</sup> Idem, p. 223.

<sup>7</sup> Idem, p. 225.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

dados dominaram são os herdeiros de todos os que venceram antes”<sup>8</sup>. Ao herdarem o “poder” da dominação, fazem entender que a “empatia com o vencedor beneficia sempre” os dominadores. Esta é a resposta para o materialismo histórico.

Todos os que até hoje venceram participaram do cortejo, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos de bens culturais.<sup>9</sup>

O materialista histórico contempla com distanciamento os restos, os despojos, os corpos de quem não consegue se levantar, porque em toda a parte há bens culturais que se originam do horror, da humilhação, da escravidão. Portanto, a reflexão do materialista histórico não abarca o significado desses bens culturais que foram criados por grandes gênios. O que deve ser entendido, compreendido e refletido, é que por detrás de um monumento de cultura há a subjugação, a barbárie. “Nunca ouve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie”. Benjamin vai além e indaga: “e, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”<sup>10</sup>. Ele afirma que o materialista histórico tem consciência que o processo de transmissão da cultura está impregnado de barbárie, por isso que ele, muitas vezes, se desvia e não desvenda os verdadeiros acontecimentos. Ele “considera sua tarefa escovar a história a contrapelo”; somente alisa, deixa-a mais brilhante, permanecendo a alienação e a ilusão de um passado coeso e harmônico.

Benjamin quer rememorar e narrar com veracidade esses fatos de opressão para que a revolução seja feita com consciência. A história deve ser entendida do ponto de vista da “classe combatente”, do verdadeiro ponto de vista universal e emancipador da história messiânica. Vemos ocorrer a reapropriação de uma parte alienada das forças salvadoras. A história deve ser entendida pelos povos oprimidos que ergueram os grandes monumentos. Não à história dos vencedores! Deve-se compreender que antes de um grande vencedor, herói ou ditador, há o povo. Desta maneira, o povo é que deve ser o alvo dos estudos historiográficos, em vez de, por uma “empatia” (conceito empregado pelo próprio Benjamin), estudar essa história “limitada”.

---

<sup>8</sup> Idem, p. 225.

<sup>9</sup> Idem, p. 225.

<sup>10</sup> Idem, p. 225.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Sabe-se que os vencedores são os herdeiros dos que triunfaram antes, e ao estudarmos estes, fortalecemos os dominadores. Fortalecemos no sentido de que o povo não se reconhecerá. A noção de justiça (Tese 12) aparece, então, como uma vingança geral das classes oprimidas. Este será o motor da revolução social.

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida. Em Marx, ela aparece como a última classe escravizada, como a classe vingadora que consuma a tarefa da libertação em nome das gerações derrotadas. [...] Preferiu atribuir à classe operária o papel de salvar gerações *futuras*. [...] A classe operária desaprendeu nessa escola tanto o ódio como o espírito de sacrifício. Porque um e outro se alimentam da imagem dos antepassados escravizados, e não dos descendentes liberados.<sup>11</sup>

Contudo, isso pode gerar uma visão problemática, pois, se todos clamarem em nome da vingança, ocorrerá uma vingança *ad infinitum* – na medida em que todos se acharam injustiçados e buscaram essa justiça. Em contrapartida, essa noção de justiça benjaminiana se aplica ao “estado de exceção permanente”, ou seja, a uma política autoritária (que pode ser lido como o fascismo) que é, praticamente, uma regra na história. No entanto, o elemento concreto da libertação é o ato do historiador que salva um passado do esquecimento, para que posteriormente ele possa ser rememorado. Esta é uma ação revolucionária. Salvar o passado da opressão e do esquecimento, resgatá-lo à memória.

O poema de Brecht e as “Teses” vão em direção a uma “história crítica”. O poema quer demonstrar ao operário a sua importância no meio social em que vive, e ainda, que estava presente em todo o percurso histórico: sem os trabalhadores os heróis não seriam heróis, sem a opressão não haveria dominação. A conscientização de que, na verdade, os trabalhadores é que são os verdadeiros heróis, pois estavam ativamente ligados a cada empreitada de seu “senhor”, o que fortalece a máxima de que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”<sup>12</sup>. Não se testemunha a cultura sem se testemunhar também a barbárie. Theodor Adorno terá uma visão de cultura similar à de Benjamin, apresentada, principalmente na *Dialética do Esclarecimento*, *Mínima Moralia* e no ensaio “Educação pós-Auschwitz”.

Para Adorno, a história do Ocidente é contada desde o massacre cometido por Ulisses até Auschwitz, numa mesma escala. Logo, a cultura – a história e a trajetória

<sup>11</sup> Idem, p. 228 e 229.

<sup>12</sup> Idem, Tese n. 7, p. 225.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

dos indivíduos – passa a ter um alvo certo para o nosso estudo, pois ela está impregnada de barbárie. Até mesmo o seu processo de transmissão está submetido ao aparato da barbárie. E qual é a solução proposta por Benjamin? É a de que o historiador crítico se desvie da cultura bárbara; que compreenda o fio condutor da história no seu interior, que entenda as grandes civilizações, os grandes palácios e reinos, por aqueles que os habitavam. Deve-se liquidar o elemento épico quando se estuda a história, como um impulso contra as falsas continuidades da história. A história dos oprimidos é um *descontinuum*; o problema é gerado quando os historiadores tradicionais nivelam num *continuum* todo o sofrimento e revolta<sup>13</sup>. Não se trata de análise dos massacres e opressões que existiram ao longo da história, mas a sua crítica. A desumanidade não é somente regressiva, ela ultrapassa tudo o que já foi cometido.

A proposta de outra história que não seja a dominante, para que não sejamos injustos com os milhares de trabalhadores e escravos anônimos de todos os tempos. Deve-se procurar uma cultura autêntica, e não uma cultura bárbara que o passado nos transmite. A cultura autêntica contém um caráter emancipatório, esses monumentos ditos culturais, não. Os palácios, os arcos do triunfo, a muralha da China só contém opressão.

A arte, potencialmente, pode salvar do emudecimento e do esquecimento certas experiências da humanidade, pelo fato de conservarem em si a esperança e a derrota. Assim, os sonhos que não puderam se tornar ação em seu tempo são petrificados nessas obras de arte, potencialmente emancipatórias. A crítica tem a tarefa de estudar as obras de arte produzidas, e “traduzí-las”, arrancando-as do esquecimento, rememorando-as. Essa é a contribuição do historiador crítico para escrever a “história dos vencidos”.

A *acedia* que Flaubert conhecia, essa tristeza que os teólogos medievais apresentavam em seus textos<sup>14</sup>, foi analisada no livro *Origem do drama barroco* de Benjamin como “preguiça do coração” e “tristeza mortal”. Será para fugir dela que o autor coloca o seu pensamento a favor da transformação social. Em nome da emancipação, da justiça e da felicidade. Assim, esse processo de conhecer o verdadeiro passado ganha um caráter de ação política integral. O método do pensamento histórico

<sup>13</sup> Como, por exemplo, no caso de Auschwitz, que nominaram o genocídio, quando se usa a linguagem para denominar algo repulsivo isso não se torna mais tão asqueroso, ver “Educação pós-Auschwitz”, Adorno.

<sup>14</sup> Cf. Idem, p. 225.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

em Benjamin consiste em: memória involuntária; apreensão instantânea de uma imagem furtiva; salvação trazida por um perigo iminente e; classe oprimida constituindo o sujeito da história. O sujeito inserido desta forma na História é um sujeito finalizado que procura transcender-se. Contudo, ele herda as revoltas do passado.

O objeto histórico e o sujeito que conhece essa história estão ligados pela verdade, que deve sempre comprovar-se pelo ato de revelar-se um ao outro. A libertação desse passado de opressão só ocorrerá quando houver uma detenção do processo histórico. Essa detenção ou “imagem dialética” é uma imagem do sonho da humanidade libertada. Este é um conceito difícil, pois Benjamin não o desenvolveu – mas pode-se dizer que segue o modelo da análise marxista da mercadoria. Mas, em breves linhas, consiste em extrair uma imagem, recolher do passado e libertá-la da fantasmagoria que a condenou ao fracasso do esquecimento. O *médium* entre essa “imagem dialética” será a linguagem, que pela narração será transmitida pelas gerações. Assim, o presente tem influência tanto com o passado, quanto com o futuro, haja vista que as gerações futuras só serão emancipadas se deterem todo o conteúdo em que os seus antepassados viveram, sem as falsas continuidades que a história positivista nos apresentou.

Benjamin viveu a guerra, o nazismo, o exílio. Viu nascer uma república que se fundava em valores humanísticos, universais e democráticos: a República de Weimar. Mas esta sociedade civilizada gerou a maior barbárie do século XX. Nenhuma sociedade está imune a tais regressões do espírito, por isso que as “Teses” se apresentam como um sopro em meio a essa tempestade que se forma no céu, um sopro de esperança, para que se olhe para trás e se recorde dos mortos dessa carnificina histórica.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## Referências Bibliográficas

Benjamin, Walter, Obras Escolhidas. Brasiliense, São Paulo, 1994. (v. I)

\_\_\_\_\_, Obras Escolhidas, Brasiliense, São Paulo, 1995. (v.II)

\_\_\_\_\_, Obras Escolhidas, Brasiliense, São Paulo, 1994. (v. III)

Lowy, Michael, Romantismo e Messianismo, Perspectiva, São Paulo, 1990.

Rochlitz, Rainer, O desencantamento da arte, EDUSC, Bauru, São Paulo, 2003.

Gagnebin, Jeanne Marie, História e narração em Walter Benjamin, Perspectiva, São Paulo, 2004.

[http://www.cecac.org.br/Brecht\\_Perguntas\\_de\\_um\\_operario\\_que\\_le.htm](http://www.cecac.org.br/Brecht_Perguntas_de_um_operario_que_le.htm). Acessado em 13 de julho de 2010.